

A Ética da Inteligência

1 – De ontologia da Inteligência

O maior problema de qualquer Serviço de Inteligência é a conciliação do seu trabalho com os conceitos éticos da sociedade em geral.

Falar sobre isto é uma atitude mista de acinte e denodo. Denodo porque poucos se aventuram por essa seara, tão espinhosa, e o assunto é quase sempre tratado de forma tangencial; ou direta e peremptória: somos ético e pronto! Não restando espaço para mais nenhuma indagação. Acinte porque o que quer que se diga aqui alguém vai discordar, alguém vai se melindrar; não é possível tratar deste assunto sem ferir suscetibilidades!

Não obstante, é exatamente este o cerne de todo o problema porque passa o Serviço de Inteligência atual. Não estou aqui dizendo que falta ética ao Serviço de Inteligência, em absoluto! Digo que há uma dificuldade, evidente, de se explicar como é possível investigar sem ser invasivo; acompanhar atividades de pessoas/grupos/organizações sem ferir direitos individuais e coletivos! E mais, como fazê-lo sem estar a serviço deste ou daquele partido – como manter-se isento, trabalhando apenas com vistas à soberania e defesa nacional? Que são conceitos um tanto quanto abstratos...

Nós na verdade, trabalhamos para quem melhor nos pagar, pois somos uma equipe privada de inteligência, mais devemos ter em mente que precisamos sempre proteger a constituição de nosso país, devemos proteger os direitos civis, a soberania de nossa pátria e tudo mais.

Nós devemos trabalhar em prol do povo comum, e para uma sociedade limpa e honesta.

Para isso muitos de nós ira se sujar na lama do país, porem é um trabalho necessário, e alguém precisa fazer.

Qualquer um que estude os prolegômenos da atividade de inteligência, ou que leia a sua história mais clássica, terá dúvidas quanto a sua sobrevivência ética na prática

O resumo disso tudo é que na inteligência deve-se ter um protocolo paralelo para não nos perdermos em nossos atos, e também não fiquemos presos na burocracia que nos tornariam ineficientes.

Quero dizer que o operador de inteligência não se baseia em leis civis ou militares para empregar operações confidenciais, pois feito isso a operação se comprometeria a ponto de não ave-la

Qualquer professor universitário sabe da dificuldade de se tratar o tema: Ética. Cada um, de per si, dará a sua opinião conceitual e, ao final da aula, teremos tantos conceitos quantos alunos em classe. Cada um tem o seu próprio entendimento, isto sem contar o vasto cabedal teórico: a ética dos filósofos, a ética dos sociólogos, a ética de autores específicos como Platão e Espinosa etc

Mas há um certo senso comum sobre o que seja a ética, que permite que este termo seja tão amplamente usado na mídia e nas conversas informais. Grosso modo, a ética do senso

comum é maniqueísta – existe um jeito certo e um jeito errado de se fazer determinadas coisas, de estar e de agir no mundo; fazer do jeito certo é ser ético. Porém definir o que é certo e o que é errado nem sempre é tão fácil assim.

O que é certo, aceitável, para uma determinada sociedade pode não ser para outra, ou mesmo, para esta mesma sociedade em conjunturas históricas diferentes!

Saindo do senso comum, temos a ética das profissões, chamada de deontologia (do grego 'deontos'=dever, tratado sobre o que se deve fazer), quase todas as profissões a possui; indicando uma vontade de se mostrar melhor para a sociedade. Também indica que há desvios comportamentais em todas as profissões, fazendo-se mister a criação de um código comum capaz de evitar esses desvios. O código também servirá como instrumento de punição para aqueles que violarem as regras.

A deontologia traz sempre princípios gerais antes de especificar as práticas corretas. São princípios humanos, valores universais já consagrados e o respeito às leis e às instituições.

O serviço de Inteligência, ao contrário das demais profissões(e este mesmo serviço evoca para si o direito de ser visto também como uma profissão e não uma atividade espúria, ilegal!) nunca possuiu um código de ética formal. Tal fato leva-nos a pensar sobre a grande dificuldade em se definir a ética desta profissão.

É claro que atuando em um Estado de exceção, com dispositivos legais privativos dos direitos dos cidadãos como o Ato Institucional nº5, o AI-5, não havia espaço para se pensar em moral, ética, muito menos em um código de ética. Ainda que, imagino, muitos dos que estavam atuando acreditavam estar cumprindo um dever de Estado, portanto calcado em princípios propagados pelo Estado; quais sejam os de soberania e da defesa nacional; o que , em certa medida, legitimava a ação.

Contudo, até hoje o Serviço de Inteligência não conseguiu compilar o seu código de ética formal, deixando como lei interna apenas os códigos e protocolos paralelos, muito embora faça referência a ela rotineiramente.

Mas, quando fala de ética, muito astutamente deixa-a circunscrita à esfera dos analistas de informações quando diz que: "A ética da instituição tem o papel de impedir que o analista se desvie do seu compromisso com a verdade e seja tomado por dúvidas de ordem moral no desenvolvimento de suas tarefas."¹

Ótimo, é o que se espera, mas quanto à obtenção (coleta) dos dados até chegar à mesa do analista, como manter-se ético. Ou ainda, o que pode ser considerado não-ético neste contexto da busca do chamado 'dado negado'? Note que esta mesma atividade investigativa (que é um dos instrumentos da Inteligência) também é exercida por outras categorias como a dos jornalistas e dos policiais civis, por exemplo, o que não impediu que tivessem seus respectivos códigos de conduta ética! Então, por que é que o Serviço de Inteligência tangencia o assunto? Talvez a resposta seja porque é o único que possui o estigma da atividade – a atividade é vista como prática de criminosos, homens sem escrúpulos, mercenários e pessoas que fazem qualquer coisa para completar sua missão.

A ética encontra-se na sociedade de forma estamentada em dois níveis:

- o base
- o ápice

Na base temos a parcela maior, a cumpridora: classe trabalhadora e demais classes sociais, que devem ter a ética no discurso e na ação.

No ápice temos a parcela menor, a decisória: altos escalões do governo, da sociedade, e setores abastados, que devem ter a ética no discurso, mas não necessariamente na ação. É lógico que esta tese é arbitrária, mas seria válida se não fôssemos acometidos por um cinismo antropológico ou sociológico! E ela tanto mais será verdadeira, quanto mais nos aprofundarmos nas questões de Estado, nas concorrências entre Nações. O discurso ético parece cair por terra quando a questão envolve a manutenção de Estados Soberanos. Ou, de outra forma, terá que ser inventado um novo conceito ético que atenda a este embate global, não entre homens ou sociedades, mas entre países que buscam soberania e independência econômica. O que parece ser um ente bem mais complexo e ainda pouco explorado; mormente após a Guerra Fria e o evento da globalização econômica. Com base neste novo conceito ético de Estados Soberanos é que deveria calcar-se a ética dos Serviços de Inteligência. Não pode derivar de outras profissões, à guisa de modelo pronto, acabado, sob pena de ver travadas as suas ações; mas deve assumir o seu verdadeiro papel de Estado.

Não entendo como dúvidas morais podem afastar-me da verdade, pois são as dúvidas que conduzem à verdade no método cartesiano, e outros. O dever ético aqui seria o de não deixar que minhas convicções pessoais, ideológicas, influam na análise das informações; ou seja, minhas certezas afetariam bem mais do que as minhas incertezas, sobretudo morais.

A ética da atividade de inteligência deve ser a da não-traição, a da fidelidade aos princípios democráticos e constitucionais civis, mas, sobretudo, o compromisso nacionalista para com o povo!

. Não o chauvinismo piegas e pernicioso, mas o nacionalismo que ergueu e soergueu grandes nações. Muitos vem como problema ético, usar as informações em proveito próprio ou de grupos ilegais.

Mais na verdade A atividade só deixa de ser ética quando pára de servir ao povo.

Mas, o que dizer quando o próprio povo é quem abandona a moral? Qual será, então, a sua destinação ética?

Por último, a fiscalização da ética na atividade de inteligência, (afora aquela legítima do controle externo do Congresso Nacional, que ainda não se definiu!) deve ser feita, não pelo cidadão comum nem tampouco por imposição midiática, mas pelo próprio setor de Segurança Orgânica do órgão a que está vinculada. A ele compete auferir o comportamento dos agentes; monitorar e controlar as suas ações para que não enveredem por descaminhos e ilegalidades internas; mais do que isso, para que não se vendam, não se tornem espíões duplos, não trafiquem influência e informações.

2 - O Problema do Decisor Estratégico

Paralelo a este problema do dilema ético da Inteligência, existe o problema do seu principal cliente: o chamado 'decisor estratégico'. O trabalho da Inteligência está sempre voltado para um cliente específico, que fará os pedidos de informação e orientará toda a atividade. A Inteligência pode executar, tomar decisões, mais na verdade o principal papel é

cumprir um pedido, segundo um plano pré-estabelecido e seguindo padrões de atuação pré-determinados. O decisor estratégico será sempre, um superior hierárquico.

O primeiro problema surge quando o decisor estratégico não valoriza o conhecimento produzido pela Inteligência. Seja negligenciando as ações sugeridas, seja duvidando da veracidade ou validade da informação. Neste caso, o profissional de Inteligência é tomado por um sentimento de frustração. Também ocorre de o decisor fingir valorizar a Inteligência mas mostrar-se completamente alheio na hora de tomar a decisão. Julga que seus conhecimentos adquiridos e seus contatos são mais eficientes. Então o sentimento do operador transmuda em revolta. Em geral, diria que há uma tendência, quase viciosa, da atividade de Inteligência de achar que sempre tem a melhor solução! Isto é um risco sério para a atividade, pois gera, como ocorreu na época da Ditadura Militar (também em outros momentos históricos!) um sentimento de superioridade por parte dos operadores, levando-os a crer que estão sempre certos, impelindo-os a serem críticos do decisor ou, pior, a quererem substituí-lo no poder.

Embora isso seja até de certo modo uma verdade cruel, pois os operadores de inteligência treinaram e estudaram para achar um jeito certo de resolver situações e problemas.

(No período da Ditadura Militar gerou, por exemplo, intrigas entre analistas de inteligência e o General-Presidente!)

A referência recorrente à Ditadura Militar tem sua razão de ser. Não é o objeto deste trabalho fazer uma crítica ou uma leitura histórica do período. Porém, é inegável que nele nasce o estigma que a atividade de Inteligência hoje carrega consigo. Estigma este reforçado, todos os dias, pela imprensa em geral (até criou-se um termo pejorativo: “araponga”, e seu derivado, “arapongagem”. Possivelmente uma alusão ao pássaro araponga, também conhecido como ferreiro, de canto estridente, mas de difícil localização na mata!) É um estigma pesado que remete a ações ilegais e abusivas, como escutas telefônicas, quebras de sigilo de correspondência, constrangimentos, chantagens, torturas etc.

O operador de Inteligência nunca esta

rá confortável uma vez que sua profissão seja descoberta pelas pessoas em geral.

Atrairá para si a desconfiança e, com certeza, as pessoas se fecharão a ele. Até mesmo dentro de seu próprio ambiente de trabalho ele será discriminado e tratado com reserva, ou como matador. Aqui nasce o segundo problema com o decisor estratégico: desejo de desvincular a sua imagem da atividade de Inteligência. É um problema complicadíssimo, já que a Inteligência existe em função da Direção e, portanto, a vinculação é automática! Este problema está presente em vários níveis na Administração Pública. (Na atividade privada não há este problema, ou pelos menos está minimizado, porque Inteligência ganha outros contornos eufemísticos, como Grupo de Reações a Ataques; Grupo de Operações Especiais; Grupo de Marketing Estratégico etc.).

É um problema atual, para ser tratado hoje, devendo ser encarado de frente. Somente será superado quando a atividade estiver completamente regulamentada e seus objetivos claramente definidos; para que a sociedade entenda o que é, para que serve e se é realmente importante para a Segurança Nacional(conceito sempre dúbio, que não define a limitação das ações do Estado)!

No quadro atual em que se encontra inserido a atividade de Inteligência o decisor estratégico apresenta-se como um duplo óbice: não entende a atividade e não quer ver a sua

imagem associada a ela. Ou seja, ele teme ser atingido pelo estigma, levando os operadores ao acanhamento profissional. Claro que esta situação sofrerá variações em cada instituição, havendo mesmo órgão em que isto não é sentido com tanta intensidade, normalmente em órgão militar; porém, a ação da mídia reprisando episódios relativos aos chamados “anos de chumbo” impulsiona a ojeriza e a repulsa que se vinculou à atividade de Inteligência.

O agente

Para ser um agente não é necessário muito de imediato, só se faz necessário ter:

- Uma mente desconfiada
- Amor em detalhes
- Amor na complexidade
- Saber falar bem
- Ter Um bom sorriso
- Ter bom senso
- Ter lógica

Cada qualidade que um agente tem, como por exemplo, memória fotográfica, paciência, frieza, visão periférica etc., pode ser adquirida com o tempo, então de imediato não se faz necessário ser um perito na arte.

Um agente sabe chegar e sabe sair, um agente sabe ser homem, sabe ser uma árvore ou até mesmo um gramado, um agente sabe ser qualquer coisa.

Porem uma coisa sómente separa um agente de um tirano, e essa coisa é o limite.

Um tirano não tem limites, e o agente deve ter Deus como limite.

Ao contrario da cia, KGB, abin, sis, e demais serviços secretos do mundo, o nosso serviço não tem parte com o governo, apesar de trabalharmos para os órgãos do governo e não abandonamos os agentes.

Um de nossos lemas antes da missão é:

Todos entram, todos saem!

Esse lema mostra que ninguém fica pra trás, e se entrar 7 no campo de batalha, os 7 sairão juntos.

O agente tem uma personalidade própria, e as pessoas que antes eram de um ponto de vista, ao se tornarem agentes verão o mundo com outros olhos, todos correrão pelo motivo certo, todos agirão do jeito certo, e todos defenderão quem estiver certo.

O agente logicamente vai querer seus direitos na vida, porem antes fará seus deveres e obrigações! Isso mostra o bom proceder de um agente.

A personalidade do agente é simples e terrível, pois o agente é:

- Frio
- Calculista
- Quietos
- Reservado e discreto
- Atento
- Observador
- Revolucionário

O agente especial

O agente especial, por nós chamado de 'S.A.', (SPECIAL AGENT) é uma graduação do servidor do Serviço.

São pessoas com grandes habilidades, conhecimentos e técnicas gerais, capaz de executar serviços e missões complexas e de alto risco.

São as pessoas que o Serviço deposita grande confiança, e o separam dos demais agentes, por se destacarem, merecem uma função mais respeitosa, por isso são chamados de agentes especiais.

O S.A. é considerado um especialista em aprendizado, lógica, bom senso, atividade, na arte de pensar e principalmente na arte da coleta de informações.

O S.A. deve ser esperto, reservado, lógico, imprevisível, consciente e ter algumas outras virtudes mais.

Cada passo do S.A. é calculado e planejado, pois um passo em falso pode lhe custar a missão.

O S.A. não atira no escuro, só joga se for para ganhar, não desiste, não passa informações próprias em serviço, sabe plantar falsas informações, destrói o plano do inimigo, descobre os próximos passos de seu adversário, descobre as fraquezas do inimigo, combate as estratégias alheia e por isso sempre está 3 passos à frente de tudo.

O S.A. não precisa muito mais do que um bom sorriso na hora certa, pois sorrisos abrem portas.

O s.a. não arromba portas, ele faz com que as pessoas abram por vontade própria.

Lábia, essa é a principal arma do s.a. e por isso, é considerado um jogador do jogo de palavras.

O s.a. sabe o que dizer e o que não dizer na hora que precisa.

O verdadeiro agente especial sabe, tanto desenrolar uma pessoa quanto sabe enrolar.

Nas ruas muitos agentes treinados pelo serviço secreto para serem agentes especiais, se tornaram golpistas profissionais.

Conhecidos como estelionatários, são os ex-agentes ou os próprios agentes que querem um desafio, ou se dar bem na vida.

Porem o nosso código de conduta reprova muitos atos desses agentes, pois não podemos lesar um inocente, um pobre, um coitado ou quem não deve.

Só temos autorização para lesar quem deve.

Se bem que na verdade o agente não tem autorização para matar, nem tem obrigações de salvar ninguém, mais a própria consciência foi treinada para ser a própria guia.

O agente não tem permissão para utilizar armas de grosso calibre nem de curto calibre, ele na verdade deve fazer oque tem que ser feito.

Para o agente concluir suas missões deve seguir sertos passos.

Cada passo a se seguir, se faz importante e fundamental na missão, por isso preste atenção.

Passos:

- Firmar objetivos
- Coletar informações gerais de tudo envolvido na missão
- Estudar gral de confiabilidade de contratantes
- Identificar frestas de vazamento de informações e fecha-las
- Elaborar uma força tarefa
- Fazer o reconhecimento do campo de ação
- Mapear o campo
- Localizar obstáculos
- Localizar alvos
- Localizar bloqueios
- Localizar segurança
- Localizar rotas de fuga
- Analisar riscos
- Preparar efetivo
- Planejar ação
- Elaborar disfarce, ou camuflagem de campo especifico
- Planejar movimentos
- Planejar fuga e escape
- Identificar alvos de coação
- Elaborar planos de emergências
- Identificar possíveis variáveis
- Identificar fatores de risco
- Ter dados e itinerários de todas as pessoas do campo
- Preparar o corpo e a mente para a missão
- Preparar campo para ação
- Preparar rotas de fuga
- Agir

O agente secreto ou operador especial

A mera menção deste nome carrega um ar de ameaça; agente secreto, guerreiro invisível, fantasma, ninja ocidental, varredor, operador especial, espião ou caçador, esses são só alguns de seus títulos.

Para muitos, a palavra agente secreto, trás uma imagem meio que perturbadora, alguma coisa como um homem solitário, a espera de sua presa no momento que ela passa, pronto para dar um bote.

Embora eles sejam “soldados” com um treinamento especial que se entocam e se infiltram em território inimigo para coletar informações, fazer o reconhecimento e espionar de perto o inimigo.

agente secreto não é uma patente oficial no serviço de inteligência, mais é um titulo reconhecido e respeitado por nós, pois para alcança-lo o agente mostra um empenho em serviço fora do comum.

Existem inúmeras coisas que se contam antes do serviço de inteligência receber seus relatórios, 3 delas são:

- Conclusão da infiltração do agente
- Posição adequada e segura para o reconhecimento a distancia
- Elaboração de disfarce

E isso é só o começo, pois muitas coisas contam antes dos relatórios chegarem ao serviço, pois para o agente é um desafio atrás do outro e se errar, não terá apoio. Imaginem só o trabalho que se da para conseguir uma boa posição de visão para se fazer o reconhecimento, e a dificuldade aumenta bastante em cada passo que se da, e é por isso que os agentes sempre trabalham em dupla.

Existem inúmeros mistérios sobre o agente secreto, inúmeras especulações, incontáveis historias, coisas que nunca se saberá se são verdadeiras ou falsas.

Seu trabalho tem uma aterrorizante simplicidade, que é roubar informações do inimigo, plantar falsas nformações, se infiltrar em território hostil, espionar e executar missões confidenciais.

Ele também por suas técnicas de camuflagem, pode atuar como um excelente observador avançado, colhendo valiosas informações a distancia do inimigo, durante longos períodos de inatividade. Mas isto não são apenas funções auxiliares.

Sua função principal é fazer o reconhecimento do terreno e colher informações do inimigo para repassá-las ao seu comandante.

O agente secreto tem também como função levar o terror e a desmoralização ao adversário, isto por meio da eliminação silenciosa de seus membros por meio de informações plantadas que geralmente leva a discórdia e a confusão do inimigo. Suas capacidades sempre foram muito maiores que suas limitações, por esse motivo é considerado o topo na cadeia alimentar.

Tais agentes altamente habilidosos são taxados de assassinos solitários acumulando mortes confirmadas. Na realidade, os verdadeiros agentes secretos, trabalham para os serviços

secrets do governo, serviços secretos privados, forças armadas e agências de polícia, e tem muito mais a ver com, as vidas que salvam do que as que tiram. Por causa da natureza fria e furtiva da missão, poucas pessoas sabem realmente o que implica em ser um agente secreto.

As técnicas dos agentes secretos são repassadas com cautela para membros das forças especiais de várias organizações como, por exemplo, o corpo de fuzileiros e o exército.

Esses órgãos treinam os conhecidos snipers como se treina um agente secreto, e até mesmo a filosofia de descrição e o fato de não se mostrar o rosto em público é tradição do serviço secreto.

Inúmeras organizações, cada vez mais dependem da função específica do agente secreto para obterem sucesso em suas operações. Ele é quem tem a função básica de fazer o reconhecimento, coletar informações importantes e neutralizar obstáculos para que unidades de ataque possam invadir locais defendidos, ou eliminar ameaças a reféns ou instalações estratégicas.

Nos campos de combate a identificação de alvos é crucial, o agente tem que distinguir oficiais, mensageiros, operadores de rádio, operador de armas pesadas e tripulantes. Distinguir quem pode ser coagido e quem não pode, quem representa ameaças, quem é amigo e quem é inimigo.

Os agentes inimigos são os mais importantes, assim como outras ameaças como cachorros e seus tratadores, que são sempre empregados para caçar agentes camuflados na mata. Os soldados comuns estão no fim da lista de prioridade.

Cada vez mais as forças armadas tem aderido a prática especial de se treinar agentes secretos pois esses homens tem um baixo custo, uma alta eficiência, e não costumam falhar.

Os agentes secretos são treinados também em:

- Ações furtivas
- Técnicas de camuflagem infiltração e de observação

Os agentes das forças armadas são empregados em várias utilizações dentro do campo de batalha, sendo que sua principal função nada tem a ver em simplesmente apertar o gatilho.

O papel principal do agente no campo de batalha é o reconhecimento, pelo fato dos agentes serem mestres da dissimulação, servem perfeitamente para se esgueirar, atrás das linhas inimigas, para fornecer informações, ao comando sobre, o tamanho força e a posição do inimigo.

Um agente em guerra, pode ser fundamental na vitória pois não necessitam de muito armamento, não depende de apoio, e pode se esconder com facilidade pois costumam andar sempre em duplas para dificultar ainda mais a sua localização.

A ação de soldados que operam isolados ou em pequenos grupos bem fundo no território inimigo para colher informações e fustigar o inimigo não é novidade. Os gregos, romanos e assírios entre outros povos antigos já empregavam arqueiros para aumentar a extensão do alcance de suas tropas e para explorar o efeito surpresa dos tiros de precisão.

Os exércitos europeus repartiam entre suas tropas arqueiros e balestreiros, para fornecer uma combinação mortal de tiros de precisão durante as batalhas. Com o surgimento das

armas de fogo, logo surgia também os atiradores acurados, muitos originalmente caçadores, que quando em guerra, encontravam naturalmente o seu lugar no campo de batalha.

Um agente secreto em combate pode causar mais estrago que um pelotão de 50 homens de infantaria, por isso seu valor altíssimo para uma vitória.

Sua presença numa frente de batalha é sinônimo de problemas. Quando começa a operar, invariavelmente suas ações geram retaliação por parte do inimigo, geralmente na forma de bombardeios de artilharia, o que sempre causa baixas entre seus companheiros.

Alem disso, a presença de um agente sempre atrai seu equivalente do outro lado, e nos jogos mortais que o agente e o contra-agente travam, acaba sempre "sobrando" para mais alguém.

Outra técnica usada pelos agentes é a de não matar, e sim apenas ferir um inimigo, o que leva outros a tentarem resgata-lo, elevando o numero de alvos em potencial.

A simples presença de um agente com uma arma de precisão pode imobilizar unidades inteiras, por tempo indeterminado, em frentes importantes de batalha, como foi provado nas batalhas pela posse da capital da Chechenia, Grozny, onde muitas vezes, um simples agente atiradorr checheno, e muitos eram mulheres, detinha forcas russas por dias, fazendo com que o avanço geral fosse interrompido.

A missão primaria do agente, durante o período de inatividade, é a coleta de informações, inteligência, observação e reconhecimento do campo batalha, reportando ao escalão superior sobre a situação do inimigo, terreno e meteorologia.

Consiste em penetrar a 'Região de Interesse Para Inteligência', realizando reconhecimento de pontos e pequenas áreas, bem como vigiar um setor, uma via de acesso ou um eixo. Nesta função é importante sempre estar dentro do alcance do rádio. Na guerra moderna as missões de reconhecimento e vigilância passaram a ser um dos mais efetivos usos dos snipers que agora, na maioria das vezes, só engajam alvos de oportunidade de alto valor. A câmera fotográfica também agora faz parte do arsenal. Os modelos digitais facilitaram o trabalho com a capacidade de enviar inúmeras fotos. Com equipamento adequado a foto pode ser enviada por rádio.

Na situação de guerra não-convencional que vivemos hoje, onde o inimigo é indefinido, não usa uniforme e circula livremente entre nós, os limites do campo de batalha não são claramente visualizados, e o uso cada vez mais intenso de unidades ditas "Forcas Especiais", a presença do agente secreto é essencial para a obtenção da vitória..